Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

EXPERIÊNCIAS COM TEATRO DO OPRIMIDO COMO HORIZONTE METODOLÓGICO PARA PREVENÇÃO DE SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA

EXPERIENCES WITH THEATER OF THE OPPRESSED AS A METHODOLOGICAL HORIZON FOR PREVENTING SITUATIONS OF VIOLENCE AT SCHOOL

EXPERIENCIAS CON EL TEATRO DEL OPRIMIDO COMO HORIZONTE METODOLÓGICO PARA PREVENIR SITUACIONES DE VIOLENCIA EN LA ESCUELA

Fernanda Roberta Lemos Silva Marques
Núcleo de estudos da Violência, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo/SP, Brasil

Resumo

Esta pesquisa propõe interseções entre o método Teatro do Oprimido e a violência na escola enquanto um fenômeno social. Com propósito interventivo foram realizadas oficinas com sessenta e três estudantes do primeiro ano do ensino médio de uma escola pública localizada na periferia de São Paulo. As cenas produzidas pelos participantes e a aplicação de um questionário oportunizou identificar as violências que atravessam o cotidiano escolar. Os resultados da pesquisa apontam a experiência com Teatro do Oprimido na escola como capaz de promover coletivamente com os jovens a criação de alternativas para as violências que vivenciam, potencializando o diálogo como ferramenta essencial para as relações humanas.

Palavras Chave: escola; violência; Teatro do Oprimido.

Abstract

This research proposes intersections between the Theater of the Oppressed method and violence in schools as a social phenomenon. With an interventionist purpose, workshops were conducted with sixty-three first-year high school students from a public school located on the outskirts of São Paulo. The scenes produced by the participants and the application of a questionnaire made it possible to identify the types of violence that permeate everyday school life. The research results indicate that the experience with Theater of the Oppressed in the school setting can collectively empower young people to create alternatives to the violence they experience, enhancing dialogue as an essential tool for human relationships.

Keywords: school; violence; Theater of the Oppressed.

LEMOS SILVA MARQUES, Fernanda Roberta. EXPERIÊNCIAS COM TEATRO DO OPRIMIDO COMO HORIZONTE METODOLÓGICO PARA PREVENÇÃO DE SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 64, N. 64, p. 1-27, Junho, 2025. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

Resumen

.
Esta investigación propone intersecciones entre el método del Teatro del Oprimido y la violencia en la escuela como fenómeno social. Con fines de intervención, se realizaron talleres con sesenta y tres estudiantes de primer año de secundaria de una escuela pública ubicada en la periferia de São Paulo. Las escenas producidas por los participantes y la aplicación de un cuestionario permitieron identificar la violencia que permea la vida escolar cotidiana. Los resultados de la investigación apuntan a la experiencia con el Teatro del Oprimido en la escuela como capaz de promover colectivamente con los jóvenes la creación de alternativas a la violencia que viven, potenciando el diálogo como herramienta esencial para las relaciones humanas.

Palabras clave: escuela; violencia; Teatro del Oprimido.

Introdução

Esta pesquisa encara o emergente cenário de violências que impactam as escolas brasileiras utilizando o método teatral Teatro do Oprimido, criado por Augusto Boal, como estratégia de prevenção a situações de violência em espaços escolares e integra as ações promovidas no Projeto Observatório de Direitos Humanos em Escolas (PODHE[1]). Trata-se de uma iniciativa de extensão do Núcleo de Estudos da Violência e da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), em escolas públicas localizadas em São Paulo, com o objetivo de implementação de observatórios de direitos humanos.

A violência na escola, enquanto um fenômeno histórico e social, não está condicionada apenas a um fator, mas a um conjunto de fatores como o momento histórico, contexto sociocultural e localidade. Nesse aspecto, Cara (Brasil, 2023) explica que na realidade brasileira a escola pode ser vítima, mas também é autora de processos violentos, produtora e reguladora de violências. Ou seja, o território da escola é tomado como referência

[1] O Projeto Observatório de Direitos Humanos em Escolas (PODHE) teve início em 2017 e se integra ao projeto mais amplo desenvolvido pelo NEV-USP, um dos Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão da FAPESP (CEPID) “Construindo a democracia no dia dos direitos humanos, violência e confiança institucional”. A pesquisa foi realizada em duas escolas públicas de São Paulo, E. E. Prof.ª Amélia Kerr Nogueira e a E. E. Dr. Ubaldo Costa Leite. Optou-se nesta pesquisa por acolher as subjetividades de cada contexto escolar. Dessa forma, os dados apresentados neste trabalho apresentam a experiência da Escola Ubaldo. Referente à outra escola será compartilhada em outro manuscrito.

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

> o ambiente escolar é assumido como um lugar onde são estabelecidas e vivenciadas relações sociais complexas e peculiares, necessariamente influenciadas pelo contexto social, político, econômico e tecnológico, Portanto, a violência à escola (ou violência contra a escola) são manifestações de violência na escola . (Brasil, 2023, p. 40).

Nesse sentido, ao abordarmos a violência, no contexto educacional, é importante realizar algumas distinções: a "violência contra a escola" remete a instituição e aqueles que a representam, por exemplo, depredação da escola, insultos aos professores e funcionários. "A violência da escola" é compreendida pelo autor como uma violência institucional, simbólica, das relações de poder entre professores e alunos, além de atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas (Charlot, 2008, p. 435). Nesse contexto, a ideia de violência "na escola", abordada nesta pesquisa, compreende como violência "todo o ato que implica a ruptura de um nexo social pelo uso da força. Nega-se, assim, a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito" (Spósito, 2001, p. 60).

Para melhor compreender o lugar da escola como alvo de violência, durante a pesquisa foi realizada uma revisão bibliográfica de relatórios que buscaram aprofundar estudos sobre os ataques de violência extrema[2] em escolas no Brasil. Vinha et al. (2023) explica que a maioria dos episódios de violência extrema nas escolas é desencadeada por um momento anterior aos atos de violência, incorporados e naturalizados no cotidiano dos alunos. Impactando diretamente o clima escolar. Tais violências são explícitas em situações de preconceitos, discriminação, racismo e intolerância, além da influência de grupos extremistas[3] por meio de redes sociais na captação e manipulação de adolescentes vulneráveis.

[2] De acordo com Cara (Brasil, 2023, p. 20), o fenômeno dos ataques às escolas é um tipo razoável de violência, com características próprias, mobilizado por subculturas de ódio que encontram nas plataformas da internet um espaço propício para articulação e disseminação do terror. Cabe destacar que ataques às escolas é um fenômeno contemporâneo e reflete a expressão mais trágica das violências contra as escolas. Especialmente em 2023, observou-se o aumento dessa manifestação dessa violência em escolas no estado de São Paulo.

[3] De acordo com (INEE, 2017) o extremismo são ideologias, crenças, posições, comportamentos ou atitudes individuais ou de grupos pautadas em uma determinada visão de mundo, intolerante às

REVISTA DA FUNDARTE

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

Tais observações permitiram compreender que o perfil de diversos jovens autores de violência extrema, contra e na escola, possuem características em seus comportamentos de leituras homofóbicas e misóginas do mundo, além de discriminação racial, social e xenofóbica, sendo de extrema urgência o trabalho com educação em direitos humanos para a promoção de espaços de convivência na escola. Ocorre que a violência na escola é um problema social, a partir do qual as violências vivenciadas fora da escola também poderão impactar o cotidiano, a convivência e o clima escolar. Nesse sentido, é importante destacar que não só a violência física (conduta que ofende a integridade física ou saúde corporal) visível merece atenção, outros tipos de violência como as simbólicas, psicológicas e morais[4] presentes no cotidiano das escolas poderão ter impactos traumáticos na formação de adolescentes e jovens.

Para Bourdieu (2001), os sistemas simbólicos se estruturam por relações de poder. Dessa forma, a violência simbólica é operada por situações de poder legitimadas, nas quais não é necessária a força física para conseguir a dominação. São utilizados mecanismos sutis de imposição e controle social. A violência simbólica na escola pode ser identificada de diferentes maneiras como por exemplo, em discriminações baseadas em gênero, classe social, raça e etnia. Embora não se caracterize por uma violência física visível, promove impactos severos na saúde emocional dos estudantes.

Da mesma forma, a violência psicológica compreende condutas que causam danos emocionais e diminuição da autoestima das vítimas causando prejuízos no desenvolvimento da saúde psicológica e na autodeterminação individual, e esse tipo de violência tem o objetivo de controlar ações e decisões, mediante ameaça, manipulação, constrangimento e humilhação.

A violência no cotidiano escolar pode passar despercebida aos olhos institucionais: “normalmente, as microviolências ou incivilidades não aparecem como um “problema grave” pois são aqueles atos que (aparentemente) não contradizem nem a lei, apesar de ferirem as regras da boa convivência” (Brasil,

demais, considerada excessivamente radical, inflexível e fora do espectro de opiniões convencionais, tendendo a usar posturas e meios extremos para alcançar seus objetivos, incluindo ações violentas ou ilegais.

[4] Conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

2023, p. 34). Isto é, as microviolências não são consideradas crimes, que exigem intervenção estatal, desse modo poderão passar despercebidas no cotidiano das escolas. Compreende-se como incivilidade comportamentos desafiantes da autoridade e indiferença em relação aos outros, essa manifestação de violência poderá ser identificada em insultos e degradação do espaço público. Esses comportamentos violentos poderão fomentar violências duras[5] e contribuir para um ambiente escolar tenso, hostil, conflituoso e, sobretudo, violento. Nesse aspecto, a naturalização ou banalização de violências poderá gerar mágoas e ressentimentos, além de processos violentos e discriminatórios, que acompanham a trajetória escolar da infância à juventude.

Desse modo, esta pesquisa buscou aproximar estudantes do primeiro ano do ensino médio de uma escola pública localizada na região da Brasilândia, periferia de São Paulo, com o método teatral e estético Teatro do Oprimido, por meio de oficinas semanais, na qual os estudantes vivenciaram experiências com as técnicas Teatro Imagem e Teatro Fórum, com o propósito de identificar as violências que atravessam seus cotidianos dentro e fora da escola.

Os dados desta pesquisa, de caráter exploratório, foram coletados de agosto a dezembro de 2023, com três turmas, totalizando dez encontros, alcançando sessenta e três estudantes colaboradores[6]. Para o aprimoramento qualitativo, além, dos dados produzidos nas cenas que se tornaram objeto de reflexão foi aplicado um questionário semiestruturado na perspectiva de Gil (2008), com o objetivo de ampliar o debate com os estudantes e criar estratégias para enfrentamento dessas situações na escola. O instrumento foi organizado em vinte e três questões, divididas em quatro categorias: informações sobre o perfil do participante, experiência com violência na comunidade, identificação das violências recorrentes na escola e o levantamento de alternativas para prevenção a partir de proposições dos estudantes.

[5] Vinha et al. (2017) define que violência dura caracteriza-se por atos agressivos intencionais que supõem força, coerção, expressão física intensa, imposição e provocam dano e destruição. São aquelas reguladas pelo código penal, enquadradas como crimes e contravenções penais, ou seja, ações que atacam a lei com uso da força ou ameaça de usá-la.

[6] Está pesquisa possui Certificado de Apresentação Ética (CAAE) 69.009123.7.0000.0138, CEP Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

De acordo com Boal[7] (1990), o Teatro do Oprimido (TO) é um método teatral e estético composto por um sistema de jogos, exercícios físicos e diversas técnicas compostas por jogos e exercícios, além de técnicas como *Teatro Jornal, Teatro Imagem, Teatro Fórum, Teatro Invisível, Arco Íris do Desejo, Teatro Legislativo* e a *Estética do Oprimido.* A prática do TO "tem como objetivo resgatar, desenvolver e redimensionar essa vocação humana, tornando a atividade teatral um instrumento eficaz na compreensão e na busca de soluções para problemas sociais e interpessoais" (Boal, 1990, p. 28).

Por meio de experiências e histórias reais de violências e opressões vivenciadas pelos participantes, o método em sua essência propõe o rompimento das opressões apresentadas pelo grupo, através da produção coletiva de alternativas para a transformação dos problemas apontados por meio do diálogo teatral. De acordo com o autor "Teatro do Oprimido (e o nome já diz tudo) procura ressituar o indivíduo em seu entorno, iluminando as formas sutis ou declaradas de dominação e exclusão social, indicando novas perspectivas das relações de poder, proporcionando outras maneiras de ver o mundo e as relações humanas" (2009, Boal, p. 4). As discussões facilitadas pelo Teatro do Oprimido desafiam pessoas que sofrem violações de seus direitos a refletir sobre a realidade na qual estão inseridas e sobre as injustiças que os atingem, rompendo, dessa forma, o pensamento único.

Nesta pesquisa, centralizamos as experiências nas violências vivenciadas na escola. Por meio da interação teatral construímos um espaço para discutir diversos níveis de complexidade das relações humanas. No Teatro do Oprimido, ao tornar essas situações um objeto observável por todos, é possível vislumbrar, a partir de decisões coletivas, outras perspectivas. Esse exercício dialógico e cênico, em prol de uma maior empatia nas relações sociais, possui uma capacidade educativa e reflexiva imensurável, provocando identificações e representatividades ao ampliar o olhar dos estudantes para as violências e opressões.

O percurso metodológico desta pesquisa adotou os eixos de trabalho do Projeto Observatório de Direitos Humanos em Escolas *(PODHE)*, que estão sistematizados em três etapas: *sensibilização, vivência e formação, monitoramento*

[7] Augusto Boal, nascido do Rio de Janeiro, em 16 de março de 1931, dramaturgo, encenador e criador do método estético e teatral Teatro do Oprimido, difundido em inúmeros países.

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

e transformação, com o propósito de oferecer aos estudantes participantes da pesquisa um exercício concreto de direitos humanos. Em uma primeira etapa, são concebidas atividades de *sensibilização* em relação à temática dos direitos humanos. No eixo *vivência e formação*, ocorre o desenvolvimento de oficinas temáticas propiciando aos educandos experimentar os princípios que norteiam o conhecimento e a prática em direitos humanos; por fim, no *eixo monitoramento e transformação*, é proposto o planejamento de ações concretas que possam contribuir com a transformação do contexto escolar.

Dessa forma, o propósito desta pesquisa realizada em duas escolas paulistanas[8] é mostrar que o Teatro do Oprimido poderá contribuir com a educação pública na formação e multiplicação de professores e gestores, na intervenção com estudantes, promovendo espaços de diálogo na escola, sobre violência. Nesse contexto, "contribui para uma educação dialógica, minimizando os efeitos dos problemas sociais, pedagógicos e políticos na realidade escolar, ajudando o indivíduo a se tornar protagonista de sua própria vida" (Sarapeck, 2002, p. 9). Nessa perspectiva, a prática do Teatro do Oprimido promove transformações sociais a partir de alternativas sugeridas pelos participantes, demonstrando desse modo a aplicabilidade de forma eficaz da linguagem teatral e seu potencial humanizador e inclusivo no cotidiano da escola.

Desse modo, este manuscrito está organizado da seguinte forma, na etapa *sensibilização* apresento a experiência com os jogos e exercícios teatrais que compõem o arsenal do Teatro do Oprimido. Com foco na convivência optou-se nesta pesquisa pelo trabalho com jogos da categoria integração, sendo a base introdutória para o aprofundamento de outras técnicas do método. Na segunda etapa de *monitoramento e transformação*, compartilho uma imersão nas técnicas Teatro e Imagem e Teatro Fórum, etapa essencial para revelar, identificar e refletir sobre as experiências de violências dos participantes dentro e fora da escola. Por

[8] A pesquisa foi realizada em duas escolas paulistanas, E. E. Prof.ª Amélia Keer Nogueira, localizada na região do Jardim Ângela, e E. E. Dr. Ubaldo Costa Leite, localizada no Jardim Guarani, região da Brasilândia. As oficinas envolveram duzentos e trinta estudantes do ensino médio, divididos em sete turmas. Optou-se na pesquisa divulgar os resultados em manuscritos individuais de modo a acolher as singularidades de cada contexto escolar em que a pesquisa foi realizada evidenciando as potencialidades de transformação em cada escola. Este artigo compartilha os resultados da E. E. Dr. Ubaldo Costa Leite. Um futuro trabalho almeja um panorama comparativo da pesquisa nas duas escolas.

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

fim, estabeleço um diálogo entre o material estético produzido pelos participantes nas oficinas de Teatro do Oprimido e análise dos dados produzidos nos questionários, que provocaram na comunidade escolar um diálogo sobre e com as violências experienciadas vislumbrando a partir de um método teatral romper ciclos de violência na escola, a partir do incentivo ao engajamento dos participantes em promover mudanças sociais.

1. Sensibilização: Jogos e Exercícios Teatrais

Na primeira etapa da pesquisa, o eixo *sensibilização* teve como objetivo integrar os estudantes, oportunizando espaços de socialização e conexão entre pares para o trabalho com as técnicas *Teatro Imagem* e *Teatro Fórum*. Desse modo, a sensibilização foi instrumentalizada por meio de jogos e exercícios selecionados das obras *200 Exercícios e Jogos para o Ator e o Não-Ator com vontade de dizer algo através do Teatro* (1977) e *Jogos para atores e não atores* (1998), nas quais Boal sistematiza uma série de jogos com o objetivo de desenvolver as capacidades criativas e expressivas por meio da apreensão da linguagem teatral.

> A partir do jogo teatral, participantes expressam ideias e emoções, através de imagens, palavras e sons. Os participantes são estimulados a escutar o outro, a escutarem-se mutuamente, concentrarem-se na percepção das ideias alheias, na compreensão das opiniões expostas, na decodificação de diferentes perspectivas sobre determinada realidade. (Santos, 2016, p. 264).

A partir da vivência com os jogos foi possível criar conexões entre os colegas de turma ampliando, dessa forma, as redes de convivência e socialização, fortalecendo as turmas participantes da pesquisa enquanto uma comunidade escolar. Fortalecer comunidades é um princípio essencial para a prática do Teatro do Oprimido. Nesse aspecto, compreende-se como comunidade escolar “um corpo social formado por grupos diversos e complementares que se interrelacionam, como professores, gestores, funcionários, estudantes e famílias, constituindo o território” (Vinha et al., 2023, p. 12).

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

Posteriormente, o eixo *vivência e formação* foi dividido em duas etapas. Na primeira fase da pesquisa, realizamos vivências com a técnica *Teatro Imagem*. Os primeiros experimentos com essa técnica foram realizados por Boal em 1973, em sua passagem pelo Peru, onde atuou no Programa de Alfabetização Integral (ALFIN); projeto no qual pretendia alfabetizar, em castelhano, uma população adulta e indígena com grupos formados por fluentes em idiomas distintos. Nessa experiência, algumas estratégias metodológicas foram utilizadas, como o uso de linguagens artísticas como fotografia, música e teatro. Na impossibilidade da comunicação verbal do grupo para o trabalho coletivo. Com a linguagem cênica, Boal criou o Teatro Imagem composto por jogos teatrais baseados na linguagem não-verbal.

> Nessa técnica teatral, questões, problemas e sentimentos são representados em imagens concretas individuais e coletivas. A partir da leitura da linguagem corporal, busca-se a compreensão dos fatos representados. Imagem que é real enquanto Imagem, ou seja: uma realidade existente concreta e, ao mesmo tempo, a representação de uma realidade vivenciada. (Santos, 2016, p. 78).

As propostas com essa técnica convidaram os estudantes a exercitarem uma série de aprendizados entre os campos da arte e do social, assim como podemos verificar nessa passagem: “a capacidade de dialogar com perspectivas distintas sobre a mesma imagem é fundamental para o processo de trabalho coletivo de compreensão da opressão analisada e de produção artística” (Santos, 2016, p. 196). Em sua essência, o Teatro do Oprimido é um teatro dialógico, cujo propósito é convidar o espectador a sair da passividade e ocupar o lugar de um participante ativo. Isto é, poderá propor, intervir, substituir e apresentar novas perspectivas e olhares sobre as construções do grupo em relação a conflitos sociais e interpessoais. Assim, abre-se a possibilidade de diálogo para os espectadores identificarem alternativas para a situação apresentada.

Apesar da dificuldade inicial dos estudantes em revelar as violências que sofrem em seus cotidianos, com os exercícios do Teatro Imagem, foi possível identificar questões sensíveis do universo escolar. Na medida em que a realidade é transformada por meio do teatro, é criado um espaço de diálogo a partir das narrativas do grupo. A expressão não verbal dos estudantes destacou algumas

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

representações que se repetiram no decorrer das oficinas, como, por exemplo, as cenas de brigas generalizadas com diversos autores de violência, como quem agride, quem filma e outros que incitam as brigas, tais dinâmicas apresentaram ao grupo um contexto de urgente discussão.

Além disso, foi observado especialmente nas escolhas temáticas abordadas pelos meninos o compartilhamento de experiências relacionadas a violência policial e urbana. E consequentemente o racismo direcionado a jovens pretos e periféricos moradores de comunidades. O racismo também foi identificado pelos estudantes como uma experiência de violência na escola, observado em relatos como: "*violência racial, já sofri no 6º ano por causa da minha cor*".

Em muitas imagens representadas pelos participantes, foi evidenciado óbito em situações de violência. No debate sobre as imagens, os estudantes apresentaram dificuldades em propor alternativas para os conflitos apresentados. Apesar do desafio inicial dos estudantes participantes da pesquisa em revelar as violências que sofrem em seus cotidianos e propor soluções para esses contextos, com os exercícios do Teatro Imagem foi possível identificar nas imagens produzidas pelas turmas violências e opressões, e a partir do diálogo sobre construções cênicas apresentadas, buscamos durante a pesquisa impulsionar uma consciência crítica das violências presentes na comunidade escolar.

Nesse sentido, o TO convida os participantes a refletirem sobre como eles devem agir diante das opressões. Para pensar alternativas ou a superação das violências, os participantes realizam uma inserção crítica na realidade opressora, compreendendo as situações em diferentes perspectivas. Para Boal, a prática do Teatro do Oprimido em diversos contextos coloca o teatro "a serviço dos oprimidos para que estes se expressem e para que, ao utilizar esta nova linguagem, descubram também novos conteúdos" (Boal, 1975, p. 17).

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868





Figura 1, 2 e 3 – Cenas de Teatro Fórum produzidas pelos estudantes na Escola Estadual Dr. Ubaldo Costa Leite, outubro de 2023
Fonte: Fotografia de Hell Mello

De acordo com Abramovay (2006) as brigas representam uma das manifestações mais frequentes de violência nas escolas. A pesquisa *Cotidiano das escolas: entre violências* (2006) dedica uma seção do trabalho para investigar as brigas e agressões físicas em escolas pelo Brasil. De acordo com a autora, o aumento da participação das meninas em atos de violência na escola corrobora para que "a ideia de fragilidade e passividade são estereótipos sem sustentação, imagens que elas próprias viriam marginalizando, buscando se afirmar por recorrência à força e porque socialmente se considera como coragem o uso de violências" (Abramovay, 2006, p. 184). As brigas na escola, geralmente, são consequências de ataques e agressões verbais que os adolescentes e jovens não encontram soluções por meio do diálogo. Essa dificuldade de resolução culmina nas brigas onde agressividade passa a ser uma opção em detrimento do diálogo. Abramovay e Rua (2002) explicam que agressividade se potencializa como um ato violento, pois é percebida pela vítima, pelo agressor e pelas testemunhas. Após muitas reflexões com os estudantes foi possível refletir sobre a contribuição da proliferação da violência das pessoas que incitam as brigas.

As experiências compartilhadas pelos estudantes, em relação às brigas na escola, em sua maioria, foram protagonizadas pelas meninas, que destacaram como motivação a rivalidade feminina, as perseguições e os conflitos em relacionamentos afetivos. A rivalidade feminina é um fenômeno social identificado

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

na competição e relações conflituosas entre mulheres, de acordo com as adolescentes participantes da pesquisa essa rivalidade na escola pode se apresentar de diversas formas como em fofocas, exclusões e provocações.

No diálogo estabelecido sobre as brigas enquanto uma manifestação de violência recorrente na escola, 44,7% dos estudantes que participaram da pesquisa relataram que já se envolveram em brigas e 7,9% relataram que se envolveram em brigas para defender os colegas vítimas dessa agressão. Dos quarenta[9] e um estudantes, 38,9% relataram que no cotidiano escolar pelo menos uma vez por semana há brigas. No decorrer da pesquisa identificamos que a prática semanal do Teatro do Oprimido na escola evidencia conflitos entre pares e auxilia os estudantes a identificar as violências presentes em seus cotidianos, e assim, compreender que violências poderão se manifestar de forma explícita ou velada.

Durante a oficina, os estudantes apresentaram uma maior clareza dos tipos de violências elaborando definições como *"violência é um ato que pode machucar o corpo e também a mente".* Essas narrativas suscitaram reflexões importantes sobre os impactos da violência na saúde mental e no desenvolvimento de adolescentes e jovens.

Falar de violências na escola por meio do Teatro do Oprimido impulsiona os estudantes a promoverem transformações de realidades a partir dos seus cotidianos, além disso o espaço oportunizado auxilia a repensar a convivência escolar e desse modo vislumbrar iniciativas para prevenção de violências. Nessa perspectiva hooks (2013) ressalta que a escola pública oportuniza a formação acadêmica necessária ao longo da vida, é dela a tarefa de ensinar estudantes a ler, escrever e engajar em alguma forma o pensamento crítico. Dessa forma, problematizar os impactos da violência na comunidade escolar poderá contribuir para uma sociedade mais humana e crítica diante de suas realidades.

[9] Durante as oficinas, que tiveram duração de um semestre, sessenta e quatro estudantes participaram colaborando criando cenas para os fóruns e no debate das cenas apresentadas. No entanto, apenas quarenta e um estudantes responderam os questionários.

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

2. Monitoramento e transformação, espaço de diálogo a partir das técnicas Teatro Fórum e Teatro Imagem

No terceiro eixo metodológico do projeto *monitoramento e transformação com* Teatro do Oprimido, propomos aos estudantes sessões de Teatro Fórum, a partir do qual se "representava um avanço na inclusão de oprimidos e oprimidos no processo de produção teatral. O Teatro servia como espelho no qual a comunidade podia ver seus problemas refletidos, analisar a realidade vivenciada e buscar os meios para superar a situação indesejada" (Santos, 2016, p. 81).

Para isso, os estudantes foram divididos em grupos, a partir dos quais foi possível trabalhar com a técnica *Dramaturgia Simultânea*. Nesse exercício, os estudantes são divididos em pequenos grupos e alguém compartilha uma história pessoal sobre um problema concreto que deseja resolver. No segundo momento, o grupo elege uma história que os represente e concebe uma encenação teatral a partir da qual se abre um debate com todos os participantes. A técnica do Teatro Fórum rompe a barreira entre palco e plateia para promover o diálogo sobre as situações apresentadas. Isto é

> Produz-se uma representação cênica de um problema real com pessoas que vivenciam o problema onde oprimidos e opressores entram em conflito na defesa de seus direitos e interesses. A encenação é apresentada como pergunta em aberto para a plateia, que após assisti-la, é convidada a entrar em cena, intervir na ação dramática, e buscar alternativas, para a transformação da realidade. (Santos, 2016, p. 85).

Nas cenas de Teatro Fórum, os participantes abordaram temas como racismo, assédio no transporte público e brigas dentro e fora da escola por motivos diversos como, por exemplo, violência doméstica, relacionamentos conflituosos, acerto de contas e situações de alcoolismo. A recorrência a violência física como instrumento para resolução de conflitos permeou as discussões das cenas de Teatro Fórum; de acordo com os estudantes, *"as pessoas não sabem conversar e sempre querem resolver batendo".*

> Agredir fisicamente o outro, "dar porrada", é uma estratégia de um código de conduta que trabalha especialmente com duas ideias,

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

> opostas, porém complementares: é honroso bater, enquanto apanhar seria assumir o papel do mais fraco. As brigas são legitimadas por uma cultura da violência, a qual estimula e apoia a disseminação de atos agressivos no ambiente escolar. (Abramovay, 2006, p. 173).

Nas cenas de brigas criadas pelos participantes foi possível identificar em diversas representações pessoas filmando com o celular, com o objetivo de divulgar e disseminar as imagens em redes sociais. Durante o fórum, os participantes destacaram esse comportamento como algo natural e comum durante as brigas na escola. Na vivência com essa técnica em um primeiro momento, os estudantes em sua maioria concordaram que o ato de filmar não é uma participação efetiva nesse tipo de violência. Por meio do fórum, passamos a discutir sobre quem são os autores de violência nas brigas escolares, responsabilizando quem participa na propagação dessa violência em redes sociais. Desse modo, os participantes concluíram que as pessoas que assistem às brigas com a intenção de filmar e divulgar reproduzem um comportamento violento.

A proliferação de imagens de agressões físicas e violências em redes sociais, apresenta o *cyberbullying* como uma manifestação de violência que também poderá ser reproduzida na escola. Compreende-se como *cyberbullying* "quando se é feito o uso da internet para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial" (Brasil, 2023, p. 43).

Nas discussões sobre esse cenário de violência, os estudantes compartilham a hostilidade no ambiente virtual, e diversas manifestações de violência de caráter racista, misógino e LGBTQIA+fóbico. Essa interação social que pode ocorrer dentro ou fora da escola provoca ressentimentos que são iniciados nas redes sociais e escolhem o espaço físico da escola para sua resolução. Nesse contexto, o *Atlas da Violência 2023* chama a atenção "para o fato de que São Paulo apresenta a maior diferença para a proporção de *cyberbullying* entre o ensino médio e fundamental, ou seja, a maior incidência é entre alunos com mais idade" (Cerqueira; Bueno, 2023, p. 38).

Os dados de segurança pública, indicados no *Mapa da Desigualdade 2023*, confirmam os altos índices de violência dos territórios no qual a escola está

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

inserida. A região da Brasilândia, onde está localizada a Escola Estadual Dr. Ubaldo Costa Leite, ocupa a 23ª posição em agressões por intervenção policial, a 24ª em mortes por intervenção policial e a 29ª posição no homicídio de jovens. De modo geral. os dados da região refletem, também, o contexto de violência do território nacional em relação ao óbito de jovens. De acordo com o *Atlas da Violência 2023* de 2011 a 2021

> foram registradas 326.532 mortes de jovens vítimas de violência letal no Brasil. Ou seja, são centenas de milhares de indivíduos que não tiveram a chance de concluir sua vida escolar, de construir um caminho profissional, de formar sua própria família ou de serem reconhecidos pelas suas conquistas no contexto social em que vivem. (Cerqueira; Bueno, 2023, p. 22).

Nesse aspecto, o compromisso de iniciativas de educação em direitos humanos que potencialize a juventude para o enfrentamento das violências é urgente, principalmente no momento em que esses indicadores colocam o Brasil na maior transição demográfica da história. Os resultados alcançados com essa pesquisa apontam para a prática do TO na escola como um exercício concreto de diálogo e educação em direitos humanos. A recorrência de situações de violência se concretiza pela escassez de outras formas de comunicação, fortalecendo, assim, comportamentos violentos e uma cultura de não valorização do diálogo como mecanismo de resolução de conflitos. Apesar de 92,5% dos estudantes participantes da pesquisa declararem que possuem relações de amizade e uma boa convivência na escola, 90% relatam já ter sofrido algum tipo de violência no ambiente escolar.

3. Diálogo com estudantes a partir das oficinas de Teatro do Oprimido na escola

Centralizamos a discussão desta pesquisa nas brigas escolares, devido a constância dessas situações na escola e por identificar como um desafio para os participantes refletiem sobre as relações interpessoais. Diante desse cenário, os estudantes apresentaram uma certa “desesperança” na construção de um clima escolar, democrático e respeitoso Essa percepção foi identificada em algumas respostas dos questionários como por exemplo, “*não há muita coisa a se fazer, as*

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

pessoas brigam do mesmo jeito". Além de não vislumbrarem uma alternativa para esse contexto, os estudantes possuíam compreensões de que a resolução dos conflitos se dá por meio de punições, vistas em opiniões como *"a escola deveria expulsar todo mundo, assim não tem briga",* ou os gestores escolares deveriam *"conversar com os alunos e ter punição mais severas"*. Alguns estudantes propuseram alternativas para esse cenário por meio de intervenções nas relações sociais, como apresentado no seguinte relato: *"precisamos aprender a viver em sociedade, porque muitos optam pelas brigas".*

Foi observado, também, nas falas dos estudantes que acreditam que a ameaça é um instrumento capaz de promover mudanças. Construir alternativas para os problemas apresentados por meio das experiências dos participantes foi um desafio reflexivo importante para a pesquisa, visto que alguns estudantes foram enfáticos em considerar as brigas enquanto algo estrutural e cultural dentro da escola, afirmando que: "*não acho que tem como prevenir as situações de violência na escola, até porque são muitas pessoas juntas e sempre haverá desavença".* Essa afirmação indica a normalização de comportamentos agressivos como parte das relações sociais.

Por um lado, o(a) estudante apresenta um dado importante, os conflitos na escola sempre existirão. De acordo com Minayo (2009), conflito é um fenômeno social importante que existe em todas as sociedades democráticas e em qualquer grupo social. A vivência com as técnicas do Teatro do Oprimido na escola poderá auxiliar professores e estudantes a refletirem sobre como os conflitos serão enfrentados pela comunidade.

Outro relato apresentado por um estudante "*a briga não resolve o conflito, pelo menos a gente desabafa"*, nos apresenta um dado significativo para esta pesquisa. A afirmação nos mostra que estamos diante de adolescentes e jovens que buscam espaços para se expressar, dialogar, conversar, debater, refletir e sobretudo conviver, não encontrando esses espaços na escola, encontram na violência uma forma de desabafo.

Nesse aspecto, os estudantes apresentaram alternativas pautadas no diálogo e na eficácia da comunicação como explícito nos relatos *"ter diálogos abertos entre os alunos e professores para que não fique nada mal entendido.*" No

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

mesmo sentido, propuseram que *"dialogar de forma gentil. sem partir para agressão"* poderá amenizar os problemas de convivência destacados pelas turmas.

O exercício do diálogo é uma prática constante nas técnicas e exercícios do Teatro do Oprimido. Para Santos (2016), o método poderia ser chamado de Teatro do Diálogo. Na perspectiva da autora, o diálogo estimula a troca de experiências entre os estudantes, aqueles que estão em cena e os que estão assistindo, através da intervenção direta na ação teatral. Esse movimento é um convite a compreender a estrutura do conflito apresentado, suas motivações, intenções, que só a distância estética é capaz de revelar. A partir disso, os estudantes poderão buscar meios concretos de transformar a realidade apresentada. Um exercício teatral freiriano no sentido de incentivar sujeitos a "criarem e transformarem o mundo, sendo sujeito de sua ação" (Freire,1979, p. 38).

A partir dessas reflexões oportunizadas pelas vivências com as técnicas do T.O, os estudantes sugeriram alternativas para o enfrentamento das situações de violência na escola, por meio de intervenções nas cenas e na promoção de diálogos. Os estudantes compreendem o acolhimento com individualidade como um caminho para resolução de conflitos e violências vivenciadas e, observam no contexto em que estão inseridos que a ausência de espaços seguros para diálogo interfere na convivência escolar. Nessa perspectiva, os estudantes destacaram as oficinas e projetos como um espaço educativo necessário para estabelecer reflexões no âmbito coletivo promovendo, desse modo, mudanças na cultura escolar

Observamos nos relatos dos estudantes que a mediação das situações de violência na escola é atribuída à responsabilidade da família e da gestão da escola, desse modo, o conflito entre pares, na percepção dos participantes precisa de intervenção externa para serem resolvidos. A partir desse dado é possível afirmar que

> a escola é vista, aparentemente, como elemento de mediação entre o aluno e a família, cabendo-lhe trabalhar os significados da violência dentro e fora de seus limites a fim de combatê-la, abordando aspectos importantes na vida dos estudantes que extrapolam os muros da escola e o período letivo. (Abramovay, 2006, p. 69).

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

A partir disso, os estudantes consideram a expulsão ou suspensão como formas de acabar com as situações de violência na escola, ocorre que suspender os estudantes sem um diálogo consistente acerca de como se constitui as situações de violência não resolve o problema. Por outro lado, observamos após a experiência com Teatro do Oprimido estudantes conscientes de que mudanças de comportamento são necessárias, assim como a responsabilização por escolhas e atitudes, como apresentado no seguinte relato: *"A escola puni com suspensão ou expulsão, porém para resolver o indivíduo tem que amadurecer."* Ou seja, é necessário que as situações sejam resolvidas individualmente respeitando suas peculiaridades, no entanto é necessário chamar a atenção dos jovens para a responsabilidade coletiva diante das violências, tornando-os ativos na prevenção e contribuindo para que essas experiências não sejam invisibilizadas no cotidiano escolar.

O método Teatro do Oprimido, em sua essência, convida os participantes para que a resolução dos conflitos seja pensada coletivamente, a partir da observação e reflexão da realidade. Essa dinâmica nos mobiliza a aprender uns com os outros. Nessa perspectiva, a prática do TO dialoga com a Pedagogia Libertadora de Freire na práxis: "a reflexão é a ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela é impossível a superação da contradição opressor-oprimido" (Freire, 2011, p. 52).

Paulo Freire (2011) e Augusto Boal (1975) apresentam a educação e o teatro como perspectiva de transformação social e defendem as duas áreas do conhecimento como um ato dialógico. Canda (2012), ao investigar os pontos de convergência entre a proposta educativa da Educação Libertadora e o Teatro do Oprimido, reforça que a mudança social se dá a partir do sujeito e na mobilização coletiva. Nesse sentido, Freire (1996) destaca em sua obra que quanto mais se reflete sobre a realidade, mais conscientes e comprometidos estão os sujeitos para intervir na realidade que não os satisfazem e mudá-la. Sobre esse aspecto Boal explica: "o teatro do oprimido, em todas as suas formas, busca sempre a transformação da sociedade no sentido da libertação dos oprimidos. É ação em si mesmo, e é a preparação para ações futuras". (Boal, 1975, p. 18). Ou seja, interpretar a realidade poderá ser um incentivo para transformá-la.

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

O trabalho processual com o TO na escola revelou por meio de cenas que múltiplas formas de violências extrapolam os limites da escola, pois estas refletem a realidade do entorno e demonstram como as violências estruturais, presentes em nossa sociedade, acompanham os jovens em suas trajetórias escolares. Conhecer a experiência do outro por meio de uma interação teatral proporcionou às turmas momentos de indignação, manifestações de empatia, assim como relatos de situações de violência naturalizadas pelas vítimas, como por exemplo "*já sofri só violência verbal, mas a gente releva"* ou *"foi ruim, mas já faz muito tempo".*

No TO, quando uma história de opressão é compartilhada, ela se torna consequentemente a história de todos. Cabe destacar que o objetivo do fórum não está em apresentar soluções eficazes para resolver os problemas apresentados, a proposta educativa está em criar possibilidades a partir da realidade apresentada. Com os estudantes participantes da pesquisa foi possível conscientizá-los de que as relações sociais são mutáveis, assim como os atos cotidianos são passíveis de mudança, assim como as situações de violência na escola.

Nesse aspecto, Santos (2016) orienta que revelar as violências no Teatro Fórum é mais que buscar alternativas, "a compreensão das implicações afetivas, econômicas, hierárquicas, políticas, culturais (entre outras) que circunscrevem o conflito. Para entender o que o provoca ou determina, o que mantém e o que dificulta ou impede sua superação, é necessária a subida ao contexto social" (Santos, 2016, p. 197).

Durante as oficinas na escola, as histórias pessoais, atravessadas por violências e opressões, compartilharam as experiências dos estudantes, sua comunidade, suas famílias e revelaram temas com a urgente necessidade de intervenção educativa. Dito isso, esta pesquisa demonstra um alcance social e sobretudo artístico, pois oportuniza o Teatro do Oprimido enquanto uma experiência teatral na escola, sendo essa pouco ofertada para jovens em escolas públicas.

A mobilização promovida pelos estudantes para refletir sobre as violências às quais são submetidos auxiliam na compreensão e no fortalecimento de um senso de comunidade para o enfrentamento das violências que constituem as

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

experiências dos colegas, professores e comunidade entorno dessa perspectiva é algo indispensável de construção na escola.

Considerações finais

As violências na escola, enquanto uma expressão social, tem se tornado um dos principais desafios das escolas brasileiras nos últimos anos para estudantes, professores, gestores e comunidade escolar. Esse desafio está na urgência de construir e fomentar iniciativas, metodologias e intervenções que possam fazer da escola um espaço seguro de convivência e atuante na prevenção de violências, cumprindo sua função educativa e comunitária. É nesse sentido que surge o propósito desta pesquisa, contribuir para impulsionar iniciativas e inspirar políticas públicas para prevenção de violências em escolas a partir das possibilidades de intervenção com o método Teatro do Oprimido.

Diversos países como França, Espanha, Alemanha, entre outros, têm discutido amplamente a questão da relação complexa entre violência e escolas, por meio do fomento de políticas públicas para promoção da convivência e a prevenção de situações de violências na escola. Vinha et al. (2023) explica que conviver é experiencial, desse modo, a convivência escolar diz respeito à capacidade ou disposição que os integrantes da escola têm para se relacionarem, ou seja, aprender a conviver na escola é um aprendizado contínuo. Abramovay (2024) contribui para esse debate afirmando que a violência na escola não é um problema atual, é um fenômeno dinâmico há muito tempo. Negligenciado pela sociedade e governos, a autora enfatiza em suas pesquisas a urgência de políticas públicas de prevenção para uma mudança no cotidiano de risco das escolas.

Nesse sentido, esta pesquisa compartilha os resultados da experiência com Teatro do Oprimido, com o objetivo de intervir no contexto de violências da Escola Estadual Dr. Ubaldo Costa Leite, localizada na região da Brasilândia em São Paulo. Cabe destacar que os estudantes colaboradores desta pesquisa são coautores deste trabalho, os resultados aqui discutidos compartilham suas histórias, suas vivências, e as reflexões sobre contextos de violência que

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

emergiram dessa experiência, e suscita algumas discussões que poderão delinear ações continuadas na escola a partir desta pesquisa.

Os resultados alcançados nas oficinas de TO, a partir de vivências nas técnicas Teatro Imagem e Teatro Fórum, mostram a urgente necessidade de ampliarmos o debate sobre as diversas formas de violência e promover espaços reflexivos sobre suas implicações na escola e na vida em sociedade. Durante a pesquisa foi possível observar que os participantes adquiriram ao longo do processo uma maior consciência crítica das violências que atravessam suas realidades, apresentando uma maior clareza dos tipos de violência. Com a propriedade de identificá-las, torna-se possível aprofundar discussões sobre a normalização da violência em seus cotidianos.

A linguagem teatral oportuniza uma distância estética diante das opressões e violências colocadas em cena esse exercício proporcionou aos participantes da pesquisa identificar com mais clareza os autores de violência até então compreendidos pelo grupo como atos presentes em comportamentos corriqueiros e naturalizados. Assim, foi possível repensar com os estudantes os impactos das violências no cotidiano escolar e no clima escolar. Com foco na prevenção de violências, a experiência teatral na escola tem uma capacidade humanizadora de acolher emoções e sentimentos dos estudantes por meio da expressão de suas experiências.

No âmbito da pedagogia do teatro, essa intersecção entre Teatro do Oprimido e violência escolar promove práticas educativas e artísticas, inclusivas e humanizadoras, contribuindo para o aprimoramento das relações sociais e, além disso, legitimando a importância das expressões artísticas como parte do processo formativo, cultural e social de adolescentes e jovens em escolas públicas. Nesse sentido, a pesquisa viabiliza uma experiência artística com a linguagem teatral aos jovens participantes. Nessa perspectiva, essa pesquisa corrobora a implicação das artes cênicas como horizonte para prevenção de violências e sua exequibilidade para transformações no contexto escolar.

Durante a pesquisa, nas discussões oportunizadas nos fóruns foi observada a dificuldade de dialogar, escutar a posição alheia e se expressar diante das situações de violência. No final do processo de pesquisa foi observado que

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

cada turma desenvolveu habilidades de diálogo sobre as violências que culminam na escola e que não eram evidentes no início do processo. Nesse aspecto, a constância e continuidade são de extrema importância para o aprofundamento das técnicas e consequentemente as transformações se tornam mais visíveis no comportamento dos estudantes, promovendo, desse modo, mudanças significativas na cultura escolar.

Ademais, a potência do diálogo enquanto ferramenta indispensável para resolução de conflitos passou a ser vista como uma prática que deverá ser retomada em suas relações sociais. Ao se colocar no lugar do outro foi possível perceber que as vivências com as técnicas do TO despertam a consciência sobre a necessidade de mudanças de comportamento, os levando a compreender que a violência na escola é passível de mudança, e que esta poderá partir do coletivo.

No início das oficinas, os estudantes mostravam-se indiferentes em relação aos debates produzidos. Com o decorrer das etapas da pesquisa observou-se os participantes mais críticos, participativos e com interesse maior para compreender as nuances e contextos das situações de violências apresentadas. Nas apresentações das cenas de Teatro Fórum. Na última etapa da pesquisa, os espectadores (estudantes que assistiam às cenas) apresentaram mais autonomia e iniciativa para entrar nas cenas e propor alternativas. Observou-se, também, uma maior empatia dos estudantes em relação às experiências compartilhadas pelos colegas.

As técnicas, jogos e exercícios, devido ao caráter coletivo da pesquisa em sua maioria, necessitaram da formação de grupos para a sua experimentação. No começo do processo esse momento apresentava muitas resistências, pois os estudantes não queriam interagir uns com os outros e havia muitas barreiras nas relações, fator que limitava as possibilidades de formação de grupos. No final do processo, essas questões mostraram-se mais flexíveis e os estudantes passaram a cooperar entre si para o desenvolvimento das propostas.

Foi possível constatar que a comunicação e expressão de pontos de vista e opiniões se fortaleceram com mais autonomia durante a pesquisa, houve um encorajamento dos estudantes para compartilhar suas histórias e autorizá-las

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

como objeto de análise e discussão, dessa forma, o momento do fórum (dialogar sobre as experiências) era aguardado com entusiasmo pelos estudantes.

A temática das agressões físicas culminadas em brigas na escola mobilizou reflexões dos participantes durante o processo. Dessa maneira, a pesquisa possibilitou identificar as violências mais presentes na escola na concepção dos estudantes e a dialogar sobre elas na perspectiva de mudar essa realidade, a partir de alternativas propostas pelos participantes. O Teatro do Oprimido auxilia a revelar os conflitos e, a partir disso, poderá delinear caminhos para educadores, gestores, orientadores educacionais, identificarem intervenções temáticas, educativas, que estão emergindo dos estudantes e seus desafios de convivência.

Destaca-se ainda que revelar os conflitos do cotidiano escolar, por meio do teatro, não é suficiente para promover mudanças imediatas e concretas nas relações sociais dos estudantes, muito menos na erradicação de situações de violências nas escolas. Foi possível identificar na aplicabilidade do método que o Teatro do Oprimido propicia experiências em que se vivencia concretamente a educação em direitos humanos, fortalecendo comunidades escolares na promoção do diálogo como algo indispensável e insubstituível para a convivência escolar.

No entanto, as oficinas ocorriam nos horários de aula. Com o objetivo de alcançar uma maior quantidade de estudantes, as turmas com cerca de trinta e cinco estudantes apresentou um desafio para a aplicação do método, como a redução do tempo para discutir as cenas apresentadas, ou a interrupção de debates acalorados em função do tempo. O melhor cenário seria que os encontros tivessem uma duração maior, sendo possível avançar no trabalho com as técnicas, por exemplo, apresentar as cenas de Teatro Fórum para outras turmas que não estavam envolvidas no processo, de modo a mobilizar reflexões com outros atores da escola.

De acordo com Freire (1995, p. 35), não se pode pensar em mudar a cara da escola para um espaço social alegre e seguro para convivência, “sem pensar na formação permanente do professor”. Diante dessa necessidade de multiplicação do Teatro do Oprimido, e difusão desta pesquisa, a partir da experiência com os estudantes, foi sistematizado um curso intitulado: *“Teatro do Oprimido interlocuções da violência com cotidiano escolar”*. Essa proposta com foco na

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

formação de professores tem sido compartilhada em escolas parceiras, eventos acadêmicos, cursos de extensão em diversas universidades e nas escolas parceiras do Projeto Observatório de Direitos Humanos em Escolas (PODHE), de modo a promover ações continuadas dessa pesquisa[10]. Outro movimento da pesquisa que cabe evidenciar é a restituição às escolas participantes dos resultados da pesquisa, ampliando os horizontes para iniciativas de prevenção de violências na escola.

Portanto, é importante ressaltar que TO não promove mudanças de modo instantâneo no contexto de violência no qual a escola está inserida, a aplicabilidade em outras realidades escolares deverá considerar etapas de estudo, a pesquisa e uma diversificada experiência[11] com o método e sobretudo e planejamento. O potencial educativo do TO é processual e sobretudo experiencial. Dado isso, provoca transformações nos sujeitos, possibilitando que reflitam sobre sua atuação diante das violências e, assim, impulsiona mudanças a partir de si mesmo e, consequentemente, se estende a outros contextos além da escola. A atitude reflexiva oportunizada pelo método fundamenta o seu caráter educativo, capaz de formar cidadãos orientados sobre sua responsabilidade na construção de uma sociedade justa, igualitária e avessa à violência.

Referências:

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam (org.). **Cotidiano das escolas**: entre violências. Brasília: UNESCO, 2006.

[10] A formação de professores terá continuidade no projeto: Educação em direitos humanos para a promoção da equidade e prevenção às violências na escola, contemplado pelo Programa de Pesquisa em Educação Básica (PROEDUCA), dentro da linha de financiamento e melhoria do Ensino Público, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo (FAPESP).

[11] Durante a pesquisa realizei atividades formativas no Centro do Teatro do Oprimido (CTO), Grupo de Estudos do Teatro do Oprimido (GESTO). Para ampliar as experiências com método, realizei um intercâmbio no curso de especialização, Teatro do Oprimido: Práticas e Políticas Pedagógicas na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

ABRAMOVAY, Miriam; LOPES Lucas José Ramos; SILVEIRA, André Bakker da. O papel das escolas na prevenção do extremismo violento. In: SILVEIRA, André Bakker da (org.). **Violência contra escolas no Brasil**: perspectivas sobre o extremismo entre jovens e estratégias de prevenção. Curitiba: Instituto Aurora para Educação em Direitos Humanos, 2024. p. 52-58.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

BOAL, Augusto. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BOAL, Augusto. **O arco-íris do desejo:** método Boal de teatro e terapia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOAL, Augusto. **O teatro como arte marcial**. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRASIL. **Ataques às escolas no Brasil**: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental. Brasília: Ministério da Educação, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/acesso-a-informacao/participacao-social/grupos-de-trabalho/prevencao-e-enfrentamento-da-violencia-nas-escolas/resultados/relatorio-ataque-escolas-brasil.pdf, Acesso em: 19 de ago. 2024.

CANDA, Cilene Nascimento. Paulo Freire e Augusto Boal: Diálogos entre educação e teatro. **Holos**, Natal, v. 4, p. 188–198, 2012. DOI: 10.15628/holos.2012.742. Disponível em:https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/742. Acesso em: 12 nov. 2024.

CANDAU, Vera M. F. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan./mar. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/es/v33n118/v33n118a15.pdf. Acesso em: 12 mar. 2024.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO Samira. **Atlas da violência 2023**. Brasília: Ipea; FBSP, 2023. Disponível em: https://www.ipea.gov.br. Acesso em: 05 de ago. 2024.

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre *[S. l.]*, v. 4, n. 8, 20022008. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/5864. Acesso em: 19 ago. 2024.

COHEN, Anthony P. **The Symbolic Construction of Community**. Londres: Routledge, 1985.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra,1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. rev e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOOKS, Bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. Tradução: Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde. In: NJAINE, Kathie; ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia (org.). **Impactos da violência na saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

NOGUEIRA, Márcia Pompeo. A Opção pelo Teatro em Comunidades: alternativas de pesquisa. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1, n. 10, p. 127-136, 2018. DOI: 10.5965/1414573101102008127. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101102008127. Acesso em: 7 ago. 2024.

SARAPECK, Helen. Teatro do Oprimido: um aliado na educação dos oprimidos. **Revista Paulo Freire**, Sergipe, n. 03, p. 8-9, set. 2002.

RUOTTI, Caren. **Caderno PODHE nº 1:** Proposta geral e contornos metodológicos do Projeto Observatório de Direitos Humanos em Escolas. São Paulo: NEV/USP, 2023. Disponível em: https://nev.prp.usp.br/wp-content/uploads/2023/12/Caderno-Podhe-N1-NEVUSP2023_Sum.pdf, Acesso em: 18 de ago. de 2024.

SANTOS, Bárbara. **Teatro do Oprimido**: Raízes e asas: uma teoria da práxis. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2016.

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

SPÓSITO, Marilia Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 87-103, enero-junio, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/pbFRcymkHxFPkK7VkkMwXNQ/abstract/?lang=pt, Acesso em: 14 de nov. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO et al. **Violência e preconceitos na escola**: contribuições da Psicologia. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2018.Disponível em:https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/07/violencia-e-preconceitos-na-escola.pdf. Acesso em: 05 ago. 2024.

VINHA, Telma et al. **Ataques de violência extrema em escolas no Brasil**: causas e caminhos. 1. ed. São Paulo: D3e, 2023. Disponível em: https://d3e.com.br/wp-content/uploads/relatorio_2311_ataques-escolas-brasil.pdf. Acesso em: 12 mar. 2024.

Recebido em: 20/08/2024.
Aceito em: 29/11/2024.
Editor responsável: Júlia maria Hummes.

Fernanda Roberta Lemos Silva Marques
Pesquisadora de Pós-Doutorado no Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo no Projeto Observatório de Direitos Humanos em Escolas (PODHE). Pesquisadora associada ao Programa de Pesquisa em Educação Básica PROEDUCA-FAPESP no projeto "Educação em direitos humanos para a promoção da equidade e prevenção às violências nas escolas", Doutora em Educação (2019) pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Linha de Pesquisa: Linguagem e Arte em Educação, Mestre em Educação (2012) pela mesma Universidade, Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos sobre Corpo, Arte e Educação (LABORARTE).Doutorado Sanduíche no Exterior PDSE/Capes (2017) no Departamento de Teoria e História de la Educación, na linha de pesquisa Educación, Identidad Y Resiliencia, Infancia y Juventud em Riesgo Social na Universidad de Málaga Espanha.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6168-3170
E-mail: eaalemos@gmail.com

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

LEMOS SILVA MARQUES, Fernanda Roberta. EXPERIÊNCIAS COM TEATRO DO OPRIMIDO COMO HORIZONTE METODOLÓGICO PARA PREVENÇÃO DE SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 64, N. 64, p. 1-27, Junho, 2025. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br